

MATEMÁTICA QUE VIVE NA ALDEIA: SABERES ETNOMATEMÁTICOS NAS PRÁTICAS COTIDIANAS DA ALDEIA KUNAWARU, TEMBÉ TENETEHAR

Kelven farias pereira ¹

Estevao Willian de Jesus Cristo ²

Raylane Abreu Veloso ³

Rayssa Vitoria Abreu Veloso ⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência pedagógica desenvolvido a partir de vivências e registros realizados na Aldeia Kunawaru, do povo Tembé Tenetehar, no Pará, buscando discutir possibilidades de diálogo entre práticas culturais, conhecimentos comunitários e Educação Matemática na perspectiva da Etnomatemática. A experiência parte da observação de diferentes práticas presentes no cotidiano da comunidade, incluindo a construção de espaços coletivos, a produção de adornos com penas e miçangas, a pintura corporal e a organização de elementos utilizados em manifestações culturais. Os registros permitem problematizar aspectos relacionados à organização espacial, formas, padrões, repetições, medidas, proporções, composição e regularidades. A proposta não busca reduzir os saberes culturais às categorias da Matemática escolar, mas compreender os conhecimentos mobilizados em seus contextos e, posteriormente, estabelecer possibilidades de diálogo com conceitos matemáticos trabalhados no 6º e 7º ano.

Palavras-chave: Etnomatemática; Educação Matemática; Educação Escolar Indígena; Tembé Tenetehar; Aldeia Kunawaru.

1- Aldeia Kunawaru – Povo Tembé Tenetehar – Pará – e-mail: Kelvenfarias12@gmail.com

2-

1 - INTRODUÇÃO

Etnomatemática amplia a compreensão sobre os modos de produção e utilização dos conhecimentos matemáticos em diferentes contextos socioculturais (D'AMBROSIO, 2001; BARTON, 1996). Mais do que buscar “encontrar Matemática” nas práticas de um povo, trata-se de compreender os conhecimentos que são mobilizados em seus próprios contextos e, a partir disso, estabelecer diálogos com a Matemática escolar.

Este relato de experiência tem origem em vivências e registros realizados na Aldeia Kunawaru, pertencente ao povo Tembé Tenetehar, localizada no estado do Pará. A partir da observação de práticas cotidianas da comunidade — como a construção de espaços coletivos (a oca), a produção de adornos com penas e miçangas, a pintura corporal e a organização de elementos utilizados em manifestações culturais —, buscou-se problematizar aspectos relacionados à organização espacial, formas, padrões, repetições, medidas, proporções, composição e regularidades.

A aldeia é compreendida, neste trabalho, não apenas como espaço de moradia e de práticas culturais, mas também como espaço educativo. Nela, estudantes e comunidade mobilizam conhecimentos que envolvem formas, medidas, organização e relações espaciais. A proposta pedagógica desenvolvida com estudantes do 6º e 7º ano parte desse reconhecimento: “Não buscamos apenas encontrar Matemática na aldeia, mas compreender os conhecimentos mobilizados nas práticas da comunidade e colocá-los em diálogo com a Matemática escolar.”

2. OBJETIVOS

Objetivo geral: Compreender os saberes etnomatemáticos mobilizados nas práticas cotidianas da Aldeia Kunawaru e estabelecer possibilidades de diálogo com a Matemática escolar do 6º e 7º ano.

Objetivos específicos:

- a) Observar e registrar práticas culturais presentes no cotidiano da comunidade (construção de espaços, produção de adornos, pintura corporal e organização de elementos);
- b) Problematizar, junto aos estudantes, aspectos de organização espacial, formas, padrões, repetições, medidas, proporções, composição e regularidades presentes nessas práticas;
- c) Estabelecer diálogos entre os conhecimentos mobilizados na aldeia e os conceitos matemáticos trabalhados no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, sem reduzir os saberes culturais às categorias da Matemática escolar.

3. A ALDEIA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Na Aldeia Kunawaru, diferentes conhecimentos são mobilizados em práticas coletivas e culturais. A construção da oca, por exemplo, envolve medidas, proporções, alinhamento e organização espacial. A produção de adornos com penas e miçangas mobiliza padrões, sequências, regularidades, quantidade e composição. A pintura corporal e a organização de elementos em manifestações culturais trazem formas, linhas, simetria, distribuição e regularidades.

Essas práticas não são “aplicações” de conteúdos escolares, mas modos próprios de conhecer, fazer e organizar o mundo. Reconhecê-las como espaços de produção de conhecimento é fundamental para uma Educação Matemática que

dialogue com a realidade dos estudantes indígenas e com os princípios da Educação Escolar Indígena.

Essas práticas não são “aplicações” de conteúdos escolares, mas modos próprios de conhecer, fazer e organizar o mundo. Reconhecê-las como espaços de produção de conhecimento é fundamental para uma Educação Matemática que dialogue com a realidade dos estudantes indígenas e com os princípios da Educação Escolar Indígena.

4. METODOLOGIA

A experiência caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa, desenvolvida com estudantes do 6º e 7º ano. O percurso metodológico compreendeu quatro etapas interligadas:

1. Observação: acompanhamento de práticas cotidianas e culturais na aldeia (construção de espaços, produção de adornos, pintura corporal, organização de elementos);
2. Registro: produção de registros fotográficos, anotações e descrições das práticas observadas;
3. Problematização: discussão com os estudantes sobre aspectos de organização espacial, formas, padrões, medidas, proporções e regularidades presentes nas práticas;
4. Diálogo: estabelecimento de relações entre os conhecimentos mobilizados na comunidade e os conceitos matemáticos trabalhados no 6º e 7º ano, valorizando o protagonismo dos estudantes.

A proposta não busca reduzir os saberes culturais às categorias da Matemática escolar. O movimento é o inverso: partir dos conhecimentos mobilizados em seus contextos para, depois, estabelecer possibilidades de diálogo.

5. PRÁTICAS OBSERVADAS E RESULTADOS

A partir dos registros realizados na Aldeia Kunawaru, foram identificadas diferentes práticas que mobilizam conhecimentos passíveis de diálogo com a Matemática escolar. A seguir, apresentam-se as principais práticas observadas e os aspectos que podem ser problematizados com os estudantes.

5.1 Penas e adornos

A produção de adornos com penas envolve padrões, repetição, organização, cores e formas. Essas práticas permitem discutir sequências, regularidades e composição, além de aspectos de classificação e simetria.

5.2 Miçangas

O trabalho com miçangas mobiliza sequências, regularidades, quantidade e composição. É possível problematizar contagem, distribuição, números e padrões, aproximando-se de noções trabalhadas nos anos finais do Ensino Fundamental.

5.3 Organização dos elementos e construção da oca

A construção da oca e a organização de elementos em espaços coletivos envolvem espaço, medidas, proporções, formas, alinhamento e organização espacial. Esses aspectos dialogam com geometria, medidas e proporcionalidade. A classificação, distribuição, simetria e composição também emergem na organização de elementos utilizados em manifestações culturais.

5.4 Pintura corporal

A pintura corporal mobiliza formas, linhas, composição, distribuição e regularidades. Possibilita discussões sobre geometria, simetria e padrões, sempre a partir do sentido cultural que a prática possui para a comunidade.

5.5 Síntese do diálogo com a Matemática escolar

A tabela a seguir sintetiza as práticas observadas, as possíveis investigações e os pontos de diálogo com a Matemática escolar:

- Adornos com penas → Repetição, organização, tamanho, composição → Padrões, sequências, medidas
- Miçangas → Contagem, distribuição → Números, regularidades
- Construção da oca → Espaçamento, alinhamento, formas → Geometria, medidas, proporcionalidade
- Organização espacial → Posição e distribuição → Localização, geometria
- Pintura corporal → Linhas e formas → Geometria e simetria

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostra que a aldeia é um espaço de produção de conhecimentos e que as práticas culturais podem ser pontos de partida para o ensino de Matemática. Mais do que encontrar Matemática na aldeia, o desafio é compreender os conhecimentos mobilizados nas práticas da comunidade e estabelecer diálogos com a Matemática escolar.

Ao valorizar os saberes presentes no cotidiano da Aldeia Kunawaru — na construção de espaços, na produção de adornos, na pintura corporal e na organização de elementos culturais —, a proposta contribui para uma Educação Matemática que reconhece a aldeia também como escola. O protagonismo dos estudantes e o respeito aos contextos culturais são princípios orientadores desse percurso.

Espera-se que este relato incentive outras experiências de diálogo entre práticas culturais indígenas e a Matemática escolar, fortalecendo os princípios da Etnomatemática e da Educação Escolar Indígena.

7. REFERÊNCIAS

ASCHER, Marcia. Ethnomathematics: A Multicultural View of Mathematical Ideas. Boca Raton: CRC Press, 1991.

BARTON, Bill. Making sense of ethnomathematics. Educational Studies in Mathematics, v. 31, n. 1-2, p. 201-233, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

7. REFERÊNCIAS

ASCHER, Marcia. Ethnomathematics: A Multicultural View of Mathematical Ideas. Boca Raton: CRC Press, 1991.

BARTON, Bill. Making sense of ethnomathematics. Educational Studies in Mathematics, v. 31, n. 1-2, p. 201-233, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.